

Convocatória Monográfica: Estudos da Juventude na América Latina e Ibero-América: 2014-2024. “Maus tempos para ser jovem”

Volume 25, Número 2 (maio-agosto de 2027)

Recebimento de artigos: novembro de 2025.

Prazo final para submissão de propostas: 31 de outubro de 2026.

Editores convidados: Carles Feixa, Germán Muñoz (Pesquisadores do Coletivo Juvir e do grupo Jovens, Culturas e Poderes, do Centro de Estudos Avançados em Infância e Juventude do Cinde e da Universidade de Manizales).

No século XXI conhecemos textos como:

- “Traços para um mapa da pesquisa sobre juventude na América Latina” (2006), de José Antonio Pérez, *Papers. Revista de Sociologia*, 79, 145-170.
- Feixa Pàmols, C., & Urteaga Castro-Pozo, M. (2019). *Existe uma “juvenologia” ibero-americana? Uma conversa. Youth and Globalization*, Brill, 1(2), 307-314.
- Benedicto, J., Urteaga, M., & Rocca, D. (2022). *Jovens em sociedades complexas e desiguais: realizando estudos da juventude na Espanha e na América Latina*. Brill.

Este último livro propõe um percurso por algumas das principais linhas recentes de investigação dentro do campo dos estudos da juventude na Ibero-América e na América Latina. A obra representa uma grande contribuição para continuar avançando no desenvolvimento de uma “juvenologia ibero-



REVISTA LATINOAMERICANA DE CIENCIAS SOCIALES, NIÑEZ Y JUVENTUD

americana” e posicionar o campo de estudos sobre a população jovem, favorecendo diálogos e intercâmbios com estudos de outras regiões.

Na década recente (2014-2024), no Centro de Estudos Avançados em Infância e Juventude e no Coletivo Juvir, criado no contexto da Bienal das Infâncias e Juventudes, fazemos a seguinte pergunta, em uma década excepcional para a humanidade e, em particular, para os/as jovens:

Quais foram os grandes temas de debate e pesquisa no campo dos Estudos da Juventude? Nesse panorama, quais novidades conceituais e metodológicas se destacam?

Nada voltou a ser igual na “nova normalidade”. Obviamente, ser jovem hoje significa algo diferente; os temas emergentes, os conceitos necessários para sua compreensão, os enfoques conceituais e os métodos de aproximação, as relações com os coletivos juvenis, suas formas de ação e intervenção... passaram por modificações substanciais, que exigem uma leitura atualizada e uma análise detalhada das articulações teóricas e de sua relação com as grandes áreas do conhecimento científico e acadêmico. A realidade transformada nos levou a criar vínculos entre pesquisadores, instituições e populações, bem como a consolidar redes colaborativas entre a América Latina e a Ibero-América. Sem esquecer a necessidade de promover políticas públicas com um sentido crítico que permita articular iniciativas institucionais e uma visão atualizada do debate teórico.

Dez anos após Ayotzinapa e os “falsos positivos” (2014), há um conceito que marcou profundamente os Estudos da Juventude: o **juvenicídio**. A violência letal contra jovens existe há muito tempo, mas as condições sociais são diferentes e o não-futuro tornou-se uma constante que afeta de muitas maneiras, no cotidiano, a população precarizada, que pode ser sacrificada porque não produz nem consome, porque “merece morrer” em uma sociedade indiferente.

Nesse contexto de desumanidade, tornam-se visíveis múltiplos cenários nos quais emergem linhas de ação e/ou resistência:

- a) **Os levantes populares**, que para muitos são apenas “explosões sociais” ou “mobilizações”, ao longo e largo do planeta, transformando o cenário do protesto e da organização coletiva, tocando os limites da insurreição.

 @RevistaLatinoamericanadeCSNYJ

 @revista-latinoamericana-ciencias-sociales-niñez-y-juventud

 revistaumanizales@cinde.org.co

 <https://revistaumanizales.cinde.org.co/>

- b) **Três pandemias** desenham-se no horizonte: a sanitária (Covid-19), a ambiental (o aquecimento global) e a social (violência extrema e vida descartável). Cada uma delas, de maneiras particulares, afeta gravemente os/as jovens: sufoca-os, confina-os, mergulha-os na incerteza, confisca sua vida social e impede que planejem sua existência.
- c) **Uma opção para sobreviver tem sido migrar.** O Mediterrâneo, o Darién... transformaram-se em fossas comuns, caminhos de morte rumo ao primeiro mundo, ou a qualquer destino que pareça ser o lugar dos sonhos, onde uma vida digna cumpra duas promessas mínimas: pão e teto.
- d) **Outra opção é refugiar-se na vida conectiva**, nas redes sociais, nas telas, na IA. Os mundos da virtualidade possuem características de fantasia, de possibilidades infinitas, de diversão sem fim, de luzes e cores que superam o conhecido, de refúgios ou trincheiras para evitar o medo de desaparecer.
- e) **Por fim, surgem no panorama novas culturas juvenis** que apostam no risco extremo, nos mundos do excesso ou em formas estetizadas de interação com uma realidade que não dói ou que permite modificar a sociedade sem entrar em confronto com ela. Poderíamos conceber uma terceira geração de culturas juvenis: o Gravity Bike (ingravidos), os influencers (empreendedores), o K-pop (ídolos e fandoms), Incels e Groypers (comunidades de solidão e raiva).

Esses fenômenos podem ser lidos a partir de múltiplas entradas: precarização, violência, consumo, ativismo... Ou a partir de diversas perspectivas: histórica, metodológica, teórica, territorial e política.

A historicização do campo de pesquisa para observar as expressões do juvenil implica também uma aguda compreensão política dos mundos de vida juvenis, capaz de interpretar sua incidência nas transformações sociais, culturais e econômicas, sua capacidade de agência, as subjetividades ativas, produtivas e operadoras da realidade, seja na escola, na rua, na família, no consumo ou no trabalho, em relações étnicas ou racializadas ou em relações de gênero, que não são futuro, mas presente.

O dossiê temático que dedicamos aos Estudos da Juventude, em uma década marcada pelas pandemias, pelas violências extremas, pela desvalorização da vida, pela negação dos direitos, pelo retrocesso da democracia e pela pós-verdade nas redes... pode muito bem receber o nome dado por Javier Sampedro ao se referir à incerteza enfrentada pelos jovens em tempos de crise e confinamento: **“Maus tempos para ser jovem”**.



Nas palavras da Comissão da Verdade da Colômbia, digamos que “não é um mal menor” fazer parte de uma barbárie que não tem nome, ou que se camufla sob eufemismos. A década que queremos examinar usando a lente dos estudos da juventude é a década dos 43 de Ayotzinapa, dos 6402 “falsos positivos”, dos milhares de “baixas” e “desaparecidos” em favelas, em megacárceres e em guerras não declaradas ou simplesmente toleradas.

No conflito armado colombiano, são eufemismos falar de homicídios coletivos em vez de massacres; de autodefesas e não de paramilitares; de bandas criminosas emergentes (*bacrim*) e não de grupos neoparamilitares; de retenções em vez de sequestros; de “maçãs podres” e não de militares que cometeram milhares de homicídios disfarçados na modalidade dos “falsos positivos”.

O efeito desse uso é a invisibilização e a desumanização do fenômeno, porque nem “falso” nem “positivo” são palavras que deem um rosto humano a essa tragédia, e nenhuma delas faz referência às vítimas, que também desaparecem da linguagem. Trata-se de uma combinação de termos que, longe de ser clara, ao contrário, confunde o receptor.

É uma contradição em uma das acepções apresentadas pela RAE, que define falso como “incerto e contrário à verdade”, e positivo como “certo, efetivo, verdadeiro e que não oferece dúvida”. Além disso, a expressão “falso” produz a percepção de negação de uma realidade, o que pode fazer com que, nas representações mentais de pessoas que não estão familiarizadas com esses fatos, permaneça a ideia de sua inexistência.

O dossiê temático que convocamos buscará ser um exercício de compromisso com a verdade dos/das jovens precarizados, indígenas e racializados, com as vítimas das pandemias, com os migrantes, os deslocados, os párias que nem estudam nem trabalham, as crianças e os jovens das guerras que não lhes pertencem, nas quais são carne de canhão.

Em sintonia com os propósitos do Doutorado em Ciências Sociais, Infância e Juventude, do grupo de pesquisa Jovens, Culturas e Poderes, do coletivo Juvir (Juvenicídios e Resistência Social), entendemos nosso compromisso para além da produção asséptica de conhecimento acadêmico, em termos de ação militante e de resistência a todas as formas de necropolítica.

Centro de Estudios Avanzados
en Niñez y Juventud

ALIANZA



REVISTA LATINOAMERICANA DE CIENCIAS SOCIALES, NIÑEZ Y JUVENTUD

Informações adicionais

Idiomas: são aceitos artigos em espanhol, português e inglês.

Recebimento de artigos: até 31 de outubro de 2026.

Página web da Revista: <https://revistaumanizales.cinde.org.co/>

E-mail de contato: revistaumanizales@cinde.org.co

 @RevistaLatinoamericanadeCSNYJ

 @revista-latinoamericana-ciencias-
sociales-niñez-y-juventud

 revistaumanizales@cinde.org.co

 <https://revistaumanizales.cinde.org.co/>